revista
tempos e espaços
em educação

Esse lugar chamado escola: Cartas Sankofa de uma Docência Bixa-Preta

This place called school: Sankofa Letters from a Black Queer Teaching Practice

Este lugar llamado escuela: Cartas Sankofa de una Docencia Marica y Negra

Elisson Lima Santos [1], Thomas Cardoso Bastos Santos[2], Késia dos Anjos Rocha[3]

[1] Escola Estadual de Xingó II, Piranhas, Alagoas, Brasil.
[2] Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, Sergipe, Brasil.
[3] Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Autor correspondente:
Thomas Cardoso Bastos Santos
Email: thm.ceduc@gmail.com

Como citar: Santos, E. L.; Santos, T. C. B.; Rocha, K. A. (2026). Esse lugar chamado escola: Cartas Sankofa de uma Docência Bixa-Preta. *Revista Tempos e Espaços em Educação, 19(*38), e25991. http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v19i38.25991

RESUMO
O artigo tem como objetivo analisar as manifestações das marcas da violência racial, cisheteropatriarcal e de classe, bem como os processos de resistência a essas formas de opressão, na escola em que trabalho por meio da evocação das minhas escrevivências. A metodologia da pesquisa é qualitativa e foi desenvolvida através do que foi denominado Cartas Sankofa, uma escrita narrativa-analítica e poética em que, por meio de cartas destinadas a um outro-eu, analiso minhas escrevivências enquanto docente na escola. As Cartas Sankofa se alinham com a cartagrafia de Bruna Battistelli (2026) e a cartografia friccional de Cauê Moura e Marcos Mesquita (2026). Da análise, nota-se que a escola reflete as violências raciais, cisheteropatriarcais e de classe da sociedade, mas existem alguns projetos e ações que buscam combatê-las, no entanto, ainda necessitam de uma maior sistematização e coletividade. Isso é preciso para que a apatia e inércia cultural e sociopolítica não se tornem regras e permitam a violação dos direitos dos grupos sociais minorizados dentro e fora dos espaços escolares.
Palavras-chave: Cartas Sankofa. Educação Básica. Escrevivência. Memória.

ABSTRACT
The article aims to analyze the manifestations of racial, cisheteropatriarchal and class-based violence and the processes of resistance to these forms of oppression at the school where I work through the evocation of my escrevivências (writing-living). The research methodology is qualitative and was developed through what was termed Sankofa Letters, a narrative-analytical and poetic

writing style in which, through letters addressed to an passed alter ego, I analyze my escrevivências (writing-living) while teaching in the school. The Sankofa Letters align with the cartagrafia (letter-writing cartography) by Bruna Battistelli (2026) and the cartografia friccional (frictional cartography) by Cauê Moura and Marcos Mesquita (2026). The analysis reveals that the school reflects the racial, cis-heteropatriarchal and class-based forms of violence present in society; while there are projects and initiatives seeking to combat them, these still require greater systematization and a more collective approach. This is necessary to prevent cultural and sociopolitical apathy and inertia from becoming the norm and allowing the violation of the rights of minoritized social groups, both within and outside school settings.
Keywords: Sankofa Letters. School. Writing-living. Memory.

RESUMEN
Este artículo pretende analizar las manifestaciones de las marcas de la violencia racial, cisheteropatriarcal y de clase, así como los procesos de resistencia a estas formas de opresión, en la escuela donde trabajo, a través de la evocación de mis escrevivencias. La metodología de investigación es cualitativa y se desarrolló a través de lo que se denominó Cartas Sankofa, un estilo de escritura narrativo-analítico y poético en el que, mediante cartas dirigidas a otro yo, analizo mis escrevivencias como docente en la escuela. Las Cartas Sankofa coinciden con la cartagrafía de Bruna Battistelli (2026) y la cartografía friccional de Cauê Moura y Marcos Mesquita (2026). El análisis revela que la escuela refleja la violencia racial, cisheteropatriarcal y de clase de la sociedad, pero existen algunos proyectos y acciones que buscan combatirlas; sin embargo, aún requieren una mayor sistematización y acción colectiva. Esto es necesario para que la apatía y la inercia cultural y sociopolítica no se conviertan en la norma y permitan la violación de los derechos de los grupos sociales marginados dentro y fuera de los espacios escolares.
Palabras clave: Cartas Sankofa. Escuela. Escrevivencia. Memoria.

VIVER É PARTIR, VOLTAR E REPARTIR[1]

Eu sempre quis partir da escola; parti-la. Não quis desistir dela. Contudo, há tanto, ela já havia desistido de mim; constantemente me relembrando que eu não pertencia aquele lugar. Apesar disso, dos medos, anseios e sofrimentos, eu permaneci e continuei. Passei, a ultrapassei. Dei partida e parti em sua frente. Vivia (n)a escola com o perpétuo desejo de ir embora e nunca mais regressar. No entanto, tal como Orfeu com Eurídice[2], diferentemente semelhante, também fiz o percurso de volta e regressei.

No mito, Orfeu que amava intensamente Eurídice não suportou sua perda. Então, foi até o Hades, o mundo dos mortos, buscá-la e no seu curso de volta ao mundo dos vivos, uma única condição, não poderia mirá-la até chegar ao seu destino. Porém, com lasciva saudade, com o virar da cabeça sobre os ombros, a fitou e a perdeu. Já eu, que tanto odiei a escola, a olhei por um breve minuto de alívio e desprezo, com isso, continuei com ela, nela. “Mas nada podia mitigar-lhe a dor e a lembrança de Eurídice perseguia-o em tôdas (sic) as horas” (Meunier, 1945 citado por Moraes, 1956, p. 11).

Dessa forma, findado meu tempo escolar enquanto estudante, fiz a opção por cursar uma licenciatura, ingressei no Ensino Superior e regressei à escola: projetos de extensão, programas educacionais e estágios supervisionados. Graduei-me, fui aprovado em um concurso público e regressei à escola: docente. Agora, me (re)encontro, mais uma vez, na escola como trabalhador. Em

[1] Trecho da música É tudo pra ontem do álbum AmarElo (2019), composta por Emicida e interpretada por ele com participação de Gilberto Gil.
[2] O Mito de Orfeu e Eurídice presente no Livro IV da obra As Geórgicas do poeta romano Virgílio e no Livro X de Metamorfoses do poeta romano Ovídio.

contínuos movimentos de trabalhar a dor de quando me encontrava na escola enquanto criança-estudante.

Portanto, a minha semelhança com Orfeu está na busca, no movimento de ir e vir, na constante procura, ele, por sua amada Eurídice, eu, pelo caminho de volta, do que retiraram de mim, do que a mim foi perdido, do que esqueci de lembrar. E como canta Emicida e Gilberto Gil no trecho da canção que dá título à presente seção, "Viver é partir, voltar e repartir/Partir, voltar e repartir". Este trabalho é um retorno, uma volta na memória para poder repartir o que ainda busco melhor compreender, da violência escolar que sofri lasciva e dolorosamente, agora estando em um-novo-nem-tão-novo lugar-escola.

Assim, para trazer contexto, com o texto trago que o retorno à escola se deu no período pandêmico da Covid-19[3]. No governo de ultradireita, fascista, do ex-presidente e preso por crime à democracia, Jair Bolsonaro. Durante o qual, pessoas como eu, negras, LGBTQIAP+ e pobres foram ainda mais abjetificadas pelo Estado. Entre os reflexos, um deles foi o crescimento vertiginoso de células neonazistas no país, em novembro de 2022, já existiam 1.117 delas em território nacional (Poroger & Beresin, 2023).

A pandemia não afetou a população brasileira da mesma forma e as medidas sanitárias não podiam ser seguidas de modo adequado por todes no país por causa das vulnerabilidades socioeconômicas e culturais (Costa, 2024). Logo, com a ascensão neofascista-nazista no período pandêmico, os grupos sociais historicamente minorizados, como povos indígenas (Xucuru-Kariri, 2022; Terena, 2022), comunidades de Terreiro (Fernandes, 2022), quilombolas (Chai, Brandão & Costa, 2023), mulheres (Carvalho & Freitas, 2022) e LGBTQIAP+ (Santana & Melo, 2021) foram intensamente atingidos pela ideologia do ódio e pela política genocida.

O risco viral à vida foi sinuosamente projetado pelo fascismo-nazismo e pela exploração capitalista habitada pelo racismo do cisheteropatriarcado. É (sobre)vivendo a esse contexto que começo a trabalhar a dor enquanto docente em uma escola pública no Sertão de Alagoas, com o desejo-repartido da lembrança de partida e volta de ume Orfeu-bixa. Este é um escrito de memória, que borra as fronteiras do impossível com um movimento-sonho de reescrita da possibilidade, são escrevivências (Evaristo, 2018; Evaristo, 2020a; Evaristo, 2020b) minhas.

Desse modo, após esta introdução, vocês, pessoas que nos leem, encontrarão quatro seções, uma em que habita a metodologia, outra em que narro analítica e poeticamente minhas escrevivências, uma quarta seção que traz uma carta ressonância que estabelece um diálogo-correio entre as pessoas autoras do presente escrito e, uma última, contendo a carta-conclusão. Na primeira, que denominei Cartas Sankofa, me aproximo da cartagrafia de Battistelli (2026) e da cartografia friccional de Cauê Moura e Marcos Mesquita (2026) ao empregar a construção de cartas como método de pesquisa. Também proponho que o endereçamento dessas sejam a mim, um outro-eu-passado, suscitando o conceito de Sankofa, um dos ideogramas pertencente ao conjunto de símbolos gráficos de origem nos povos akan da África Ocidental, sobretudo Gana e Costa do Marfim, chamado adinkra e que significa "volte e apanhe de novo aquilo que ficou para trás" (Nascimento, 2008).

Metodologicamente, asserto que o conceito de Sankofa conversa com o de escrevivência, uma vez que ambos se relacionam com a memória e a aprendizagem do que já se passou para se pensar o agora e sonhar o amanhã. Na segunda seção, em que gero as cartas em si, evidencio como o uso de cartas escrevividas endereçadas a um outro-eu são importantes no processo de análise das marcas da violência racial, cisheteropatriarcal e de classe, bem como dos processos de resistência a

[3] Os primeiros casos de infecção humana pelo vírus Sars-CoV-2 foram confirmados em Wuhan, China, em 08 de dezembro de 2019. No Brasil, o período pandêmico teve início em 26 de fevereiro de 2020 e o estado de emergência sanitária foi encerrado em 22 de maio de 2022. Em nível global, em 05 de maio de 2023, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declara o fim da emergência pública de saúde. Para mais informações, acessar: https://memoria.jfpr.jus.br/linha-do-tempo-da-pandemia/.

essas formas de opressão na escola, no trabalho com as dores geridas por essas violências por meio da escrita, além da necessidade de agir contra a apatia e a inércia social para buscar mundos-sonhos possíveis. Na última, se apresenta a carta-conclusão, de finalização do trabalho.

Com isso, o que busco com esta pesquisa é analisar as manifestações das marcas da violência racial, cisheteropatriarcal e de classe, bem como os processos de resistência a essas formas de opressão na escola em que trabalho por meio da evocação de minhas escrevivências acerca do primeiro ano de profissão docente sob o formato de cartas. Logo, a presente pesquisa se justifica por compor um conjunto de trabalhos políticos de pessoas negras e LGBTQIAP+ da classe trabalhadora que visam tanto compreender quanto combater a perpetuação da violência racial, cisheteropatriarcal e de classe nos espaços de educação formal.

CARTAS SANKOFA

A presente pesquisa é metodologicamente de caráter qualitativo. É, em essência, um trabalho de memória. Uma escrita narrativa-analítica e poética. Narrativa por se apresentar como uma contação de escrevivências do trabalho docente, uma escrita que parte de mim, mas não termina em mim, pois, ao ser endereçada, abre-se à escuta, à resposta e à correspondência. Analítica por buscar compreender, na produção de uma conversa plurivocal que aqui buscamos estabelecer, as violências racial, cisheteropatriarcal e de classe, bem como os processos de resistência a essas opressões, nos territórios da escola. Poética porque, como revela Conceição Evaristo à Yasmin Santos (2024), "talvez a memória seja um exercício poético" (p. 28) de rememorar e reinventar. Este artigo é também escrevivido. É um processo de ficcionalização da memória entre lembranças e esquecimentos de vivências; "ficções da memória" (Evaristo, 2018, n. p.).

É nesse exercício poético da memória, entre o rememorar e o reinventar, que nos aproximamos da urgência da escrita trazida por Jota Mombaça em *O mundo é meu trauma*. Mombaça escreve sobre a necessidade de "rasgar todas as recomendações" que a impedem de aderir à linguagem de seu desespero (Mombaça, 2017, n.p.). Sua escrita parte de uma "carne política feita de especulação e memória, de força e matéria" (Mombaça, 2017, n.p.), sem a garantia de que escrever mostrará alguma saída. Ao afirmar "Preciso não escrever, mas insisto e escrevo" (Mombaça, 2017, n.p.), a autora situa a escrita naquilo que ainda está sendo vivido, sentido e elaborado. Nas Cartas Sankofa, essa urgência também atravessa o exercício poético de rememorar e reinventar as experiências pela escrita.

Essa escrita que se faz enquanto a experiência ainda é sentida e elaborada nos conduz novamente à escrevivência de Conceição Evaristo, na qual escrita e vida não ocupam lugares separados. Trata-se de "[...] Um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou, melhor dizendo, escrita e vivência" (Evaristo, 2018, n.p.). Esta escrita, então, se alimenta de mim e eu também me alimento dela, a invento e ela me reinventa. Além disso, Conceição Evaristo em diálogo com Yasmin Santos (2024) afirma que "[...] trazer à memória é fazer ficção [...]" (p. 29), pois, "[...] como a memória esquece, surge a necessidade da invenção" (Evaristo, 2018, n.p.). Consequentemente, trabalhar com a evocação da memória deve ser sentido e pensado como um processo complexo que requer constante atenção e cuidado. Em outras palavras, escrevivenciar é manusear a memória entre os espaços e os tempos da lembrança e do esquecimento.

As escrevivências evocadas neste artigo serão apresentadas em formato de cartas. Estas serão endereçadas a um outro-eu, um eu-que-já-não-sou-mais-por-totalidade porque já fui, pretérito, e a um eu-outro, um eu-que-ainda-não-sou-por-ainda-não-ser-presente, futuro. Ambas se encontram em mim, no agora, presente, quem escreve as cartas, quem evoca as memórias e as sonha, quem as escrevive.

Esse encontro entre o pretérito, o presente e o futuro aproxima as cartas da perspectiva de Leda Maria Martins, em *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Ao compreender a escrita como um lugar de memória, Martins (2021, p. 29) reconhece sua importância como

instrumento de expressão, mas não restringe a elaboração e a transmissão da memória à palavra escrita. A autora situa a linguagem poética como uma forma de transgressão da concepção do tempo como linearidade absoluta e sintetiza: "poesia é tempo" (Martins, 2021, p. 30).

Nas concepções africanas do tempo discutidas por Martins (2021, p. 31-32), a palavra proferida constitui um lugar de experiência temporal, mas integra um campo mais amplo de elaborações fônicas, sonoras e corporais. A temporalidade também se processa pelo corpo e pelas diferentes percepções que nele e por meio dele se traduzem. Nas Cartas Sankofa, os outros-eus não permanecem isolados em um passado concluído ou em um futuro ainda inexistente. Eles se encontram no corpo presente de quem escreve, no qual as experiências são recordadas, reelaboradas e projetadas. A escrita torna perceptível esse tempo que retorna, se sobrepõe e se atualiza, sem obedecer a uma sucessão linear entre aquilo que fui, aquilo que sou e aquilo que ainda posso ser**.**

Partir-voltar-repartir. Ainda que partam de mim e sejam endereçadas a outros-eus, essas cartas não permanecem encerradas em uma experiência individual. O próprio endereçamento pressupõe relação: escrevemos para alguém, com as vozes que atravessam nossas memórias e com aquelas que respondem ao que foi escrito. Quando lidas e respondidas, as cartas passam a constituir uma correspondência. O coletivo não apaga o eu que recorda e escreve, mas se forma nas relações que essa escrita torna possíveis.

Por isso, damos o nome Cartas Sankofa a este movimento metodológico, uma vez que, através de cartas, a volta-rememoração das experiências encontra o apanhamento-análise construído junto aos referenciais e às outras vozes que passam a integrar essa correspondência em torno daquilo que já se foi ou foi vivenciado em termos de violência racial, cisheteropatriarcal e de classe e de resistência a essas formas de opressão na escola em que trabalho.

Tal como na cartagrafia (Battistelli, 2026) e na cartografia friccional (Moura & Mesquita, 2026), nas Cartas Sankofa, empregamos uma escrita que se afasta das pretensões "assépticas e neutras" das ciências e compreende os sentimentos como parte da produção do conhecimento. Sentir e pensar não aparecem como movimentos separados: encontram-se, atritam-se e participam do modo como interrogamos o que é fazer pesquisa e como podemos fazê-la. O que propomos com essas cartas é posicioná-las na concepção de Sankofa, no endereçamento de um eu a outros-eus e no processo de repensar a partir da volta e da escrita de si. Esse retorno possibilita uma reorganização situada desde uma corporeidade negra-cuir e de classe trabalhadora e, quando a carta encontra quem a lê, pode também provocar outros movimentos de elaboração. É movimentar-se com um corpo bixa-preta, individual e coletivamente.

Essa aproximação com a cartagrafia também se sustenta na compreensão de que pesquisar, escrever e cuidar não constituem práticas separadas. Para Battistelli e Oliveira,

> [...] o fazer cartagráfico está implicada/o com uma produção que visa dialogar sobre escrita, pesquisa e cuidado, preocupada/o em performar uma metodologia que consiga acionar encontros e escritas que façam a vida vibrar e que acione diferentes modalidades textuais" (Battistelli; Oliveira, 2021, p. 684)

O fazer cartagráfico nos ajuda, assim, a pensar as cartas não somente como uma modalidade textual, mas como uma escrita implicada na produção de encontros**.** Por esse viés, escolhemos as cartas por acreditarmos

> em uma metodologia e em uma política de pesquisa abertas ao diálogo, endereçadas e que se comprometam com as histórias compartilhadas em uma espécie de correio, no qual troco cartas e convido outras pessoas a me escreve [...] [bem como no] [...] registro de um tempo de vida de uma pesquisadora que escreve, pesquisa e é professora em uma localidade geográfica, e dialoga com intelectuais que, em suas existências radicalmente diversas, permitem abrir um rasgo no

> que se entende por escrita acadêmica [...] [Assim] a pesquisa e a política de escrita aqui trabalhadas têm um compromisso com o tempo alargado, para além da correria dos prazos, da escrita digital e do capitalismo (Battistelli, 2026, p. 02).

A carta, por ser endereçada, já carrega a possibilidade da resposta. Escrevemos a alguém e nos deixamos alcançar pelo que retorna desse encontro. Nas Cartas Sankofa, o endereçamento primeiro aos outros-eus não se desfaz quando novas cartas chegam; ele se alarga. As respostas entram nesse correio, conversam com as memórias repartidas e fazem desta escrita uma correspondência na qual também nos implicamos.

Consequentemente, a escrita do presente artigo, à medida que atrita as normas acadêmicas de fazer pesquisa por intermédio de um posicionamento literário-poético e pesquisa por meio da memória escrevivida, também se insere no campo político de disputa social, cultural e ideológica. Diante disso, a escrita rememora o período entre maio de 2022 e maio de 2023, correspondente ao primeiro ano de trabalho de Elisson na escola. Porém, isso não impede "que outras temporalidades retornem e componham o texto" (Moura; Mesquita, 2026, p. 169). Portanto, este trabalho inscreve-se entre aquilo que Moura e Mesquita (2026, p. 169) denominam "pessimismo vivo" e "otimismo metodológico", assumindo um tom situado, afetivo e experimental e apostando "no sonho como força política para sustentar o porvir" (Ibidem).

Por isso, as seções que se seguem assumem uma composição distinta daquela utilizada até aqui, aproximando-se da estrutura literária de uma carta contínua. Essa forma participa do próprio movimento metodológico: sustenta o endereçamento, abre a escrita à possibilidade da resposta e acompanha os fluxos de uma memória em que passado, presente e futuro se encontram sem obedecer a uma ordem linear. É uma escrita de quem sangra-escreve a vida con(fundida) entre memórias e ficções, escrevivência; de quem retorna ao passado para aprender com ele no presente e movimentar outros futuros, Sankofa.

VIOLÊNCIAS E RESISTÊNCIAS NA ESCOLA, ATRITOS ESCREVIVIDOS EM CARTAS

Queeride, outro-eu

Te escrevo de um lugar e um tempo que ainda não chegou. Te escrevo com toda a atenção que o afeto pode dá, com o sentido e o desejo de te aconselhar assim como um abraço amigo. Entre os anos de 2021 e 2022, período no qual (sobre)viverá a uma pandemia, vai se (re)encontrar enquanto uma pessoa dissidente de gênero, não se sentirá homem e nem mulher, terá dúvida de como nomear. Mas, não se esqueça, nosso nome, Elisson, foi nos dado pelo sussurro do vento. Então, algum dia, talvez, esse nosso gênero de ser, também o seja. É preciso imaginar Sísifo feliz[4]; não nos veja enquanto pessoa negra, transvestigênere[5] e pansexual como um território gerido unicamente por sofrimentos e solidões. A vida é muito mais, lembre-se de Frida, VIVA LA VIDA[6]! [...] É uma quarta-feira à noite e você está saindo da escola com colegas de trabalho, no momento, você relata que não se identifica atualmente como homem e nem como mulher tal como enfatiza que ainda não se sente totalmente confortável em se identificar como não-binário, agênero ou trans(a)gênere. É nesse exato momento que você sofrerá sua primeira violência de gênero no seu trabalho e nessa outra escola, uma "colega" branca, cisgênero, heterossexual e cristã dirá que você precisa de ajuda médica com um tom inteligivelmente enfático "você está doente", como se o nosso estado de não conformidade cisheteronormativa fosse uma doença. Silêncio. Não houve ação das outras pessoas que ali estavam, nem sua - jamais se culpe por ter sofrido qualquer tipo de violência.

[4] Em referência ao texto ensaístico O Mito de Sísifo publicado em 1942 pelo filósofo argelino Albert Camus.

[5] Termo criado pêle pute ativista afro-indígene Indianarae Siqueira e pela ativista travesti-negra e deputada federal Erika Hilton através da junção das palavras transexual, travesti e transgênere.

[6] A respeito da última pintura feita pela artista mexicana Frida Kahlo no ano de 1954.

O espanto e a fúria fizeram parte do processo de reorganização pelo que passamos. Porém, essa associação entre identidades trans e patologização é antiga, como está explícito no artigo de Sofia Favero e Fernanda Souza (2019), as transgeneridades ou transvestigeneridades, como preferir nomear, vem sendo tratadas como transtorno ou disforia pelos discursos da Medicina, nos colocando em um lugar fora da dita norma e do normal, desviantes, pela alcunha de doentes mentais; alguém "que deve ser examinado com cuidado e precaução" (Ibidem, p. 306), ou seja, alguém que representa um perigo, um risco à sociedade cisheteronormativa. As pertenças e os discursos também são ferramentas políticas, não nos esqueçamos disso. Constantemente, portanto, somos lembradas que não somos pertencentes a esse lugar, que também é chamado de escola! [...] É uma quarta à noite novamente, encontro semanal entre o corpo docente e a gestão escolar, um dos assuntos proeminentes de discussão é o "destino" da estudante trans da e na escola. Entre as "insinuações" de um professor branco, cisheterossexual e neopentecostal sobre a menina ser "complicada de lidar" por ser transvestigênere tal como ter "abandonado" a religião da qual ele também compartilha e se diferenciar de seus irmãos "virtuosos e bem sucedidos" por causa disso, outro professor branco e cisheterossexual, levanta a voz, quase em grito e afirma para que todos ali pudesse ouvir "O LUGAR DELA ESTÁ GUARDADO, NÃO QUER NADA COM A ESCOLA, VAI PRA RUA, SE PROSTITUIR". Sim, você vai escutar isso de professores da Educação Básica… Ao longo da sua estadia na escola, que não foi longa por motivos intraescolares e extraescolares, a estudante sofreu por diversas vezes violência de gênero, transfobia, inclusive do estado de Alagoas, o qual se recusava a chamá-la pelo nome social apesar de termos enfatizado e evidenciado que era um direito dela; o dito cujo, falecido, sempre estava lá, na lista de chamada, na lista da professora, na lista do estado, na conversa entre docentes, nas piadinhas de canto dos colegas. Então, um dia, ela se foi, não sem motivo. Sentimos muito, todes nós que nos importávamos e lutávamos com ela, mas além da escola, tinha a família, a sociedade. A sensação de perda foi o que ficou. Quando o professor afirma que o local de quem não quer nada com a escola é a rua, a prostituição o sujeito da afirmação não é qualquer estudante da escola, é a menina trans, a travesti; ele jamais disse isso sobre qualquer outro estudante homem ou mulher cis que parecia não querer nada com a escola, isso porque existe uma normativa ideológica por trás dessa frase, a cisheterossexual binária. Nós, bixas, bixas travestys[7], travestis, transgêneres, transvestigêneres, viados e afeminadas sofrem violências cis'têmicas[8] nos espaços escolares, os quais, no contexto brasileiro, foram criados como locais de reprodução do poder político e ideológico moderno-colonial branco-cristão cisheteropatriarcal capitalista (Oliveira, 2018; Santos e Lopes, 2024). Como nos bem relembra Megg Rayara Gomes de Oliveira (p. 162) "a bicha nasce no discurso" e os discursos escolares para se trabalhar com a diferença de gênero e sexual de forma não violenta tem sido amplamente atacados desde a eleição do governo bolsonarista de ultradireita como é evidenciado no trabalho de Maria Clara Araújo dos Passos e Cláudia Pereira Vianna (2025). Conforme as autoras, o discurso escolar hegemônico é o da "ideologia de gênero" conservadora, cunhado com o objetivo de agredir, em todos os sentidos da palavra, as pessoas trans e travestis no Brasil. "Eles venceram e o sinal está fechado prá nós[9]" - Então, quebremos o sinal à pedradas! [...] O que pude escrever, outro-eu, te escrevi até onde o corpo pôde, até quando pude, em carne e memória, agora descanso para poder-lhe escrever uma outra carta em um outro momento. Fique bem, se cuide, com amor, um outro-você!

[7] Fazendo referência ao documentário Bixa Travesty acerca das artes-vivências da travesti-negra multiartista e autodeclarada terrorista de gênero Linn da Quebrada, lançado em 2019 sob a direção de Claudia Priscilla e Kiko Goifman.

[8] Grafia pensada e proposta pela ativista-pesquisadora travesti-negra Tiffany Odara em seu texto Pedagogia da Desobediência: Travestilizando a Educação de forma política ao compreender a cisheteronormatividade compulsória como constituinte dos sistemas de opressão.

[9] Trecho da música Como nossos pais composta por Antonio Carlos Belchior em 1976.

Piranhas, Alagoas, 07 de julho de 2026, 15:34
da calçada onde irá morar um dia sob um céu azul ensolarado e uma brisa fria.

Olá, desejo que esta carta lhe encontre bem…

Tem sido dias e noites difíceis. Existe tanta tristeza e solidão lhe habitando há anos, se permita largar-se um pouco delas, as deixe e siga; não olhe para trás. Você irá notar que é ume Orfeu-bixa, chore e lamente, mas os faça ao vislumbrar o presente e o horizonte futuro com um pouco mais de otimismo [...] Poderia ser uma segunda-feira, uma terça, uma quarta, quinta ou sexta-feira, até mesmo um sábado letivo, independentemente do horário do dia, nesse fazer integral, da escola em tempo integral que estatalmente parece se esquecer de maneira proposital, que nada tem integrado, mas sim desintegrado, feito em pó, moído, triturado gente, gente empobrecida, gente preta, gente indígena, gente bixa, gente menina, gente da gente, gente como a gente [...] Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, doze, treze, quatorze, não mais que isso… Um, dois, três, quatro, cinco, seis, vinte, vinte e um, vinte e dois, vinte e três, às vezes, bem mais que isso… quantas meninas precisam ser sequestradas pelo cisheteropatriarcado para que a situação seja normalizada? Famílias que permitem que suas filhas sejam levadas por homens adultos como meros objetos; meninas agora ditas "casadas", meninas-mulheres objetificadas. Foi assim com a avó delas, a mãe, a tia, a prima, a vizinha, a conhecida e estar sendo com elas em 2022, 2023, 2024, 2025 e 2026. Gerações de meninas-mulheres objetificadas, obrigadas a serem subservientes, que tiveram suas infâncias tomadas, vidas sequestradas. Violação dos direitos infanto-juvenis, o casamento infantil "diz respeito à união formal ou informal que envolve ao menos uma pessoa com idade inferior a 18 anos" (Malanowski e Wiese, 2023, p. 344).

No Brasil, é crime e fere tanto marcos institucionais do país quanto internacionais, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Entre a lei e a realidade, existe um abismo; você vai notar isso com o tempo [...] A misoginia nos corredores da escola é expressada constantemente através das relações sociais entre meninos e meninas, nos quais os primeiros de forma corriqueira "brincam" com as segundas ao dizer que o lugar delas é "lavando pratos, cozinhando ou fazendo qualquer outro trabalho doméstico" e que "mulheres deveriam ficar caladas, uma vez que não deveriam ter opinião". Quando questionados ou repreendidos, esses meninos afirmam que estavam "somente brincando"; estas práticas ocorrem dentro e fora de relacionamentos "amorosos". Além disso, quando conversamos com as meninas, percebemos que são práticas que elas também escutam fora da escola, em casa, em família e na comunidade. A violência contra a mulher, seja pela ironia, agressão física, reprodução forçada, estupro ou homicídio, constituem as estruturas organizacionais de gênero na sociedade brasileira (Saffioti, 1994). Portanto, os mecanismos de recreação da violência de gênero são uma constante no Brasil, assim como o racismo recreativo (Moreira, 2019).

Na escola em que irá trabalhar, o corpo discente é formado por uma quase totalidade negra e indígena, apesar de não se identificarem assim, ainda mais, quando se trata da ascendência indígena. Os insultos e as práticas racistas, que tomarão maior proporção e intensidade contra as meninas negras, toda vez que repreendidas, serão sempre defendidos por meio da recreação, da prática racista enquanto brincadeira, humor, "sem intenção real de ofender". "Eles alegam que o incidente não deve ser classificado como racista porque o agente teve apenas a intenção de dizer algo engraçado ou produzir um efeito cômico, o que não revela hostilidade em relação a membros de minorias raciais" (Ibidem, p. 23). Ou seja, o mesmo argumento, utilizado para defender pessoas brancas racistas no judiciário, está sendo utilizado por crianças e adolescentes quando praticam racismo com colegas. Isto é sintomático e de extrema preocupação; deve-se ser combatido. Quando as crianças e jovens envolvides são negres, replicando atos racistas contra seus pares raciais, não

tem como não pensarmos no texto "Pele Negra, Máscaras Brancas" do revolucionário negro martinicano Frantz Fanon. Ou seja, o processo de desumanização e demonização das pessoas negras através da construção do branco como única e possível humanidade, impôs a nós, pessoas negras, um estado constante de necessidade de aproximação a esse ideário de humano, com este sendo impossível, a busca se deu, até mesmo, através de atos de subjugação de outres de nós, com o desejo ao "destino branco de humanidade".

Quando as meninas negras são as mais atingidas pelas agressões, não posso esquecer dos textos de Lélia Gonzalez (2020) e Grada Kilomba (2020) que afirmam que as mulheres-negras são intensamente hiperexploradas e violentadas pelo cis'tema moderno-colonial-capitalista-racista-heteropatriarcal por causa do gênero tal como da racialidade. Além disso, a ofensa racista contra indígenas não se difere muito do que já foi exposto, a recreação é o pretexto máximo, e a violências contra os povos originários perdura desde a colonização como nos relembra Eloy Terena (2022) e Rafael Xucuru-Kariri (2022). Pós-pandemia, parece-me que as políticas de extermínio do período pandêmico continuam reverberando na sociedade e em suas instituições. Na escola em que iremos trabalhar não é diferente e resistir tem se tornado um exercício excruciante devido à superexploração capitalista; um projeto bem estruturado de mundo que emprega a educação institucional a seu favor [...] Acredito que tenha me alongado, mas gostaria de te dizer o que virá para que se prepare melhor, se proteja e se mantenha forte, serão anos de muito cansaço e medo. Fique bem, se cuide, com amor, um outro-você!

Piranhas, Alagoas, 10 de julho de 2026, 23:30
do quarto bagunçado em uma noite quente de inverno

Para ti, para mim, para nós

Uma vez ouvi de Conceição Evaristo, em uma entrevista, que "escrever é sangrar", depois disso, parece que cada palavra que grafo vem com um corte, quase nunca superficial, mas sempre profundo, no meu corpo, na minha vida. Sangrar tem sido uma experiência vivida há muito tempo [...] A pandemia da Covid-19 passou, mas as marcas das políticas genocidas da ultradireita perduram na sociedade e em suas instituições, não seria diferente na escola em que trabalhamos, as violências são impressas no dia a dia escolar. Afinal, "o capitalismo criou formas de escravidão mais brutais e traiçoeiras, na medida em que implantou no corpo do proletariado divisões profundas que servem para intensificar e ocultar a exploração" (Federici, 2017, p. 113).

É nesse sistema em que (sobre)vivemos, um sistema estruturado no racismo, na misoginia, na LGBTQIAP+fobia, no classismo, no capacitismo, no etarismo, na violência contra a diferença, a favor da sua exploração e extinção. As violências que descrevi a ti não podem ser consideradas fora do espectro neonazifascista, na verdade, elas são constituintes e correlatas. Ataque aos povos indígenas, genocídio da população negra, feminicídio, aporofobia elevada e aumento das células nazistas no Brasil estão associadas, ações que se retroalimentam. E, atingir à juventude, ter o apoio dela, com o reflexo do que vivenciamos na escola, dentro de um espaço de socialização, educação e formação subjetiva, é uma expressão de tempos extremamente sombrios, tempos historicamente já vividos e que podem se repetir.

Nesse contexto, o trabalho de Anilde Silva e Cândida Bittencourt (2019, p. 119) nos alerta que o sujeito "impulsionado pelo medo de não ser aceito pela coletividade, tende a aderir a ideias e ideais que permitem sua preservação imediata e o defende da destruição, idealizando como verdade absoluta, o grupo e sua liderança ao qual se identifica e rejeita, projetando qualidades negativas para qualquer ação, membro ou ideia de grupos ao qual não se identifica em forma de

preconceito[10]". Diante disso, "o indivíduo fraco e impotente procura compensar sua fraqueza se identificando com seus opressores" (Ibidem, p. 120). Não é sem sentido que alguns meninos da escola entendem a replicação de atos e símbolos nazistas como uma "brincadeira", eles desenham suásticas nas paredes e em seus corpos, bem como fazem saudações nazistas como se isso não representasse nada além de uma recreação. Por isso, não consigo visualizar o que acontece na escola fora da perspectiva apontada por Silva e Bittencourt (2019), é assustador e deve ser amplamente combatida [...] São tempos difíceis, mas vou finalizar esta carta com algumas ações realizadas na escola contra a ascensão das violências que já analisei anteriormente; é um exercício de esperançamento, uma positividade-quase-nunca nossa…

O primeiro projeto que quero trazer aqui é a sessão de cinema e roda de conversa com algumas meninas do Ensino Médio sobre o documentário "Aqui não entra luz" lançado em 2026 e com direção de Karol Maia. Em parceria com uma profissional da comunicação, uma professora e a psicóloga da escola, o momento buscou abrir um espaço de escuta e fala para que essas meninas pudessem se expressar através da aproximação que tinham com a temática do filme, uma verdadeira expressão de dororidade (Piedade, 2017), entre lágrimas e abraços, acolhimento e afeto. Não posso detalhar mais o momento, pois foi feito um acordo de proteção entre as presentes, o que ali foi expressado, como nos solicitou a psicóloga, ficaria guardado, protegido conosco. Nunca ouvi que qualquer relato foi espalhado para fora daquele local e tempo, as meninas se protegeram, considero isso de uma extrema beleza e força feminista.

O outro projeto é sobre a aproximação da escola com o povo indígena Kraunã[11]; ao longo dos anos que estou aqui na escola, tanto estudantes foram até o território Kraunã quanto eles e elas vieram até a escola. É uma linda parceria encabeçada por uma professora, um projeto de longo prazo sobre ensinanças e aprendizagens ancestrais sobre o povo em questão, tal como sobre as identidades indígenas em Alagoas e no Brasil. Oficinas de artesanato com palha de coqueiro, pinturas e cosmopercepções, nos territórios escolar e da aldeia, seus sentidos e significados [...] Serão tempos árduos, mas encontre forças na comunidade; a solidão é um estado de não comunicação que só fortalece o opressor, não se esqueça disso. Fique bem, se cuide, com amor, um eu, você, nós!

Piranhas, Alagoas, 11 de julho de 2026, 09:00
da sala da coordenação da escola em um sábado letivo

ORGANIZAR A RAIVA

Estimade Elisson,

Suas cartas nos chegam e nos arrebatam imediatamente, seja pela dimensão encarnada e poética, seja pela profundidade crítica que carregam. Em alguma medida, é como se as palavras contivessem, em sua forma, pequenas lâminas afiadas. Elas nos cortam. Nos despertam de qualquer inércia ou apatia diante de tudo isso que tem sido produzido no/pelo mundo, ao nosso redor, sobre os nossos corpos, apesar de nós.

Como você nos diz logo no início desse texto "viver é partir, voltar e repartir". Re-partir. Você nos chama ao movimento Sankofa de voltar, olhar o passado, encontrar quem somos hoje e, quem sabe, quem imaginamos ser amanhã. Esse gesto é feito no momento em que suas escrevivências nos são ofertadas. Sua escrita se torna nossa escrita, ganhamos corporeidade juntes.

[10] Para manter o formato da carta contínua, fiz a escolha de colocar a citação direta longa dentro do corpo do texto, sem recuo e entre aspas, para deixar a continuidade da escrita intacta.

[11] Para conhecer mais sobre o povo Kraunã, com território em Olho D'Água do Casado, no Sertão alagoano, acessar: https://anaind.org.br/povos_indigenas/krauna/.

Ao nos constituirmos nesse corpo-junte, outras emoções, pensamentos, sentimentos são produzidos, ganham movimento em nossos corpos. Partilhamos a dor, a energia de resistência, a raiva.

Raiva. Sentimento que também move mundos. "Como você usa sua raiva?" nos perguntou Audre Lorde (2020, p. 157), e essa questão ficou ecoando em nossa pele quando recebemos/lemos suas cartas. Em nosso encontro-conversa no processo de escrita desse texto, falamos sobre a (im)possibilidade de trazer à tona esse sentimento. Não era hora [ainda]. Por isso, chegamos mais perto agora, lhe estendemos as mãos e, aqui, tentamos falar do potencial epistêmico e político que essa emoção-sentimento produz.

Pedimos licença, com respeito, sabemos que não era possível falar dela antes, mas o faremos agora como uma espécie de vingança. Sim, vingança! Sentimos raiva das violências raciais e de gênero que ganharam corpo nos corredores escolares, nas relações interpessoais; ficamos enfurecides em meio a essa sinfonia raivosa que expulsa qualquer dissidência de seus lugares de direito (escola, casa, família, trabalho etc.).

Movemos a raiva e a direcionamos contra a culpa, afinal, "a culpa e a postura defensiva [de alguns] são tijolos em uma parede contra a qual todas nos chocamos; [mas] elas não servem aos nossos futuros" (Lorde, 2020, p 156). Sentimos raiva, assumimos. Uma raiva que, se organizada, pode ser combustível de mudança, esperança. Raiva como tecnologia. Raiva que é chama de possibilidades. Audre Lorde nos disse:

> Minha reação ao racismo é a raiva. Tenho vivido com essa raiva, ignorando-a, alimentando-me dela, aprendendo a usá-la antes que ela relegue ao lixo as minhas visões, durante boa parte da minha vida. Houve um tempo em que eu fazia isso em silêncio, com medo do fardo que teria que carregar. Meu medo da raiva não me ensinou nada. O seu medo da raiva também não vai ensinar nada a você (Lorde, 2020, p. 155).

O medo, e o medo da raiva, é um sentimento legítimo, e sabemos que, muitas vezes, é ele que nos protege. Mas, Lorde nos convoca a movermos esse sentimento/emoção em sentidos diferentes. Nesse artigo, talvez ela seja uma espécie de energia que impulsiona essa aposta em uma política de escrita e pesquisa feminista, radical. Radical porque se produz mediante a recusa da norma, do silêncio, da neutralidade. Traz, em cada gesto de escrita, uma recusa à assepsia da ciência moderna, porque está contaminada pelas emoções, pelos sentimentos, pela afirmação de si, pela denúncia da violência, pela presença de nossos "eus" posicionados na escrita, na pesquisa.

Convocamos, nesta carta, de mãos dados contigo, nossa fúria coletiva. Quase um coro em grito. Porque, se nossos oponentes usam cotidianamente suas raivas de nossas existências para nos exterminarem, nós também buscaremos ou fabricaremos as ferramentas necessárias para produzirmos a partir da nossa raiva.

Como novamente ressalta Lorde (2020, p. 162): [...] parte da minha raiva é sempre uma saudação às minhas irmãs que se foram". Parte da nossa raiva, assim como para Lorde, é saudação, ou vingança. Outra parte, busca se opor à toda a tristeza e solidão que nos fizeram sentir, à toda a violência recreativa direcionada às pessoas dissidentes de gênero, sexualidade e raça, à toda a expulsão transfóbica direcionada às pessoas transvestigêneres de seus espaços de direito.

Nos despedimos por aqui,
com afeto,
Késia e Thomas

Rio de Janeiro, Aracaju, 22 de setembro de 2026, 15:21
de nossas casas, escritórios, celebrando estarmos juntes.

EM CARTA: PELO DIREITO À MEMÓRIA, PELA NÃO NORMALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA

A mim e a qualquer outra pessoa que ler…

Desde que os conservadores neofascistas-nazistas tomaram conta deste país, que chamamos Brasil, as violências raciais, cisheteropatriarcais e de classe se tornaram cada vez mais acentuadas no contexto nacional devido às políticas de extermínio da ultradireita. As pessoas negras, indígenas, mulheres, com deficiências, em situação de rua, idosas e empobrecidas da classe trabalhadora sentiram isso na pele, no estômago e na mente. Dessa forma, a violência, enquanto política de Estado, passou a ser normalizada; a violência se tornou uma "brincadeira" entre crianças e adolescentes, não era mais nada a ser temido e combatido, pois "uma brincadeira não fere ninguém" [...] Na escola em que trabalho, não foi diferente, como instituição política, social e cultural, dentro de seus espaços, essas violências foram sendo banalizadas, práticas normalizadas sobre a alcunha do "mimimi" e de serem apenas recreações "sem mal algum". No entanto, não foram todes trabalhadories da educação que as viram de tal forma, logo, a resistência foi feita, foram apresentadas projetos-ações enquanto contramedida ao processo de normalização do racismo, misoginia, LGBTQIAP+fobia, classismo, aporofobia, capacitismo e etarismo. Porém, isso não se deu de forma sistemática, mas sim como projetos individuais ou de pequenos grupos de pessoas, algo pontual, necessário, contudo, não o suficiente ao meu entender. As ações precisam ser comunais, pensadas e realizadas em comunidade, caso contrário, talvez, um dia novamente aconteça que:

Primeiro levaram os negros
Mas não me importei com isso
Eu não era negro
Em seguida levaram alguns operários
Mas não me importei com isso
Eu também não era operário
Depois prenderam os miseráveis
Mas não me importei com isso
Porque eu não sou miserável
Depois agarraram uns desempregados
Mas como tenho meu emprego
Também não me importei
Agora estão me levando
Mas já é tarde.
Como eu não me importei com ninguém
Ninguém se importa comigo.

Tal como no poema acima, uma releitura do sermão ou confissão do pastor luterano alemão Martin Niemöller (1892-1984), a inércia e a apatia sócio-política precisam ser combatidas. Desse modo, caso tenha medo, não permaneça inerte, apático. Se espante, mas não se paralise no susto. Se enfureça com a injustiça, mas não utilize dessa fúria para atingir os seus e as suas; a direcione para se movimentar contra o cis'tema. Se importe para que não tenhamos que repetir a história mais uma vez… o que será que acontece há anos na Palestina? E com a população LGBTQIAP+, negra e indígena na América Latina?

Piranhas, Alagoas, 11 de julho de 2026, 13:52
do pátio da escola em que trabalha em um sábado letivo

Contribuições dos Autores concepção e desenho da pesquisa, aquisição dos dados, análise e interpretação dos dados e redação do artigo. análise e interpretação dos dados e revisão crítica relevante do conteúdo intelectual. análise e interpretação dos dados e revisão crítica relevante do conteúdo intelectual. Todos os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

Aprovação Ética: Não aplicável

Agradecimentos: Não aplicável

REFERÊNCIAS

Battistelli, B. M. (2026). Cartas corazonadas e histórias docentes para afirmar políticas curriculares engajadas com o bem-estar na educação. *Revista Teias*, *27*(85). https://doi.org/10.12957/teias.2026.86828

Battistelli, B. M; Oliveira, E C. S. (2021). Cartas: um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica. *Currículo sem Fronteiras*, 21(2), p. 679-701. https://doi.org/10.35786/1645-1384.v21.n2.12

Carvalho, C. S., & Freitas, G. F. (2022). A pandemia de COVID-19 e de misoginia no brasil: *Revista Primeira Escrita*, *9*(1), 113–125. https://doi.org/10.55028/rpe.v9i1.15805

Chai, C. G., Brandão, P. T., & Costa, K. M. B. (2023). Entre a Sombra e o Silêncio: o extermínio quilombola e a inércia Estatal no Brasil durante a pandemia da Covid-19. In: Monica, E. F., Hansen, G. L., & Blázquez, G. S. (Orgs.). Libro de Artículos: V Seminario Internacional sobre Democracia, Ciudadanía y Estado de Derecho - Caminos y desvios de la ciudadanía y el cosmopolitismo. Ourense, Espanha: Universidade de Vigo, p. 140-161.

Costa, Y. (2024). Sob o Signo do Genocídio: Pandemia e Grupos Tradicionais. In: Barbosa, L. V. F., Moraes, A. L. Z., & Gomes, C. O (Orgs.). A Tutela Coletiva de Vulnerabilidades pela Defensoria Pública da União durante a Pandemia da Covid-19. São Paulo: Tirant lo Blanch, p. 12-30.

Dores, F. G. (2024). A memória como método de pesquisa. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, (4). https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/10143

Evaristo, C. (2018). *Becos da Memória*. Pallas.

Evaristo, C. (2020a). A Escrevivência e seus subtextos. In: Duarte, C. L., & Nunes, I. R. (Orgs.). Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, p. 26-47.

Evaristo, C. (2020a). A Escrevivência e seus subtextos. In: Duarte, C. L., & Nunes, I. R. (Orgs.). Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, p. 48-57.

Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. EdUFBA.

Favero, S. R., & Souza, F. H. (2019). (Des)patologizar é (DES)diagnosticar? Inquietações sobre as disputas por autonomia no campo político. *Revista Periódicus*, *1*(11), 303–323. https://doi.org/10.9771/peri.v1i11.26914

Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Editora Elefante.

Fernandes, N. V. E. (2023). Racismo estrutural e religioso contra Povos e comunidades tradicionais de terreiro durante a pandemia do COVID-19. *Revista Calundu*, *6*(2), 19–35. https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v6i2.46422

Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Zahar.

Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.

Lorde, A. (2020). *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica.

Malanowski, L. C., & Wiese, M. L. (2023). Análise sobre casamento infantil entre meninas adolescentes e Homens Adultos no Brasil. *Temporalis*, *23*(45), 343–362. https://doi.org/10.22422/temporalis.2023v23n45p343-362

Mombaça, J. (2017). O mundo é meu trauma. *Piseagrama*, Belo Horizonte, (11), 20-25. Disponível em: https://piseagrama.org/artigos/o-mundo-e-meu-trauma/

Moraes, V. (1956). *Orfeu da Conceição: Tragédia Carioca*. Imprensa Nacional.

Martins, L. M. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

Moreira, A. (2019). *Racismo recreativo*. Sueli Carneiro; Pólen.

Moura, C. A., & Mesquita, M. R. (2026). Cartografia friccional: vestígios do tempo em movimento contínuo. *Revista Memória LGBT*, *12*(1), 169–183. Recuperado de https://www.revista.memoriaslgbt.com/index.php/ojs/article/view/188

Nascimento, E. L. (2008). *A matriz africana no mundo*. Selo Negro.

Odara, T. (2020). *Pedagogia da Desobediência: Travestilizando a Educação*. Editora Devires.

Oliveira, M. R. G. (2018). Trejeitos e trajetos de gayzinhos afeminados, viadinhos e bichinhas pretas na educação! *Revista Periódicus*, *1*(9), 161–191. https://doi.org/10.9771/peri.v1i9.25762

Piedade, V. (2017). *Dororidade*. Editora Nós.

Passos, M. C. A., & Vianna, C. P. (2025). Ataques antitrans e a necessária sensibilidade transfeminista na Educação Brasileira. *Educação & Sociedade*, *46*. https://doi.org/10.1590/es.290189

Poroger, F., & Beresin, P. (2023). *As Novas Caras do neonazismo no Brasil*. Revista Piauí. https://piaui.uol.com.br/web/as-novas-caras-do-neonazismo-no-brasil/

Saffioti, H. I. B. (1994). Violência de gênero no Brasil Atual. *Estudos Feministas*, 443–461. JSTOR. https://www.jstor.org/stable/24327190

Santana, A. D. S., & Melo, L. P. (2021). Pandemia de covid-19 E população LGBTI+. (in)visibilidades dos impactos sociais. *Sexualidade, Saúde E Sociedade Revista Latino-Americana*, (37), e21202–e21202. https://www.e-publicacoes.uerj.br/SexualidadSaludySociedad/article/view/52065

Santos, E. L., & Lopes, E. T. (2024). Transcrevivenciar a crítica à colonialidade em ambientes de educação formal. *Revista Teias*, *25*(78), 354–368. https://doi.org/10.12957/teias.2024.83679

Santos, Y. (2024). *Conceição Evaristo: voz insubmissa*. Rosa dos Tempos.

Silva, A. T. T., & Bittencourt, C. A. C. (2019). Os traços fascistas por tras do preconceito, Violência e bullying na Escola. *Devir Educação*, *3*(1), 116–126. https://doi.org/10.30905/ded.v3i1.122

Terena, E. (2023). Povos indígenas e violações no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil. *Sens Public*, 1–26. https://doi.org/10.7202/1098424ar

Xucuru-Kariri, R./Silva, C. R. (2022). Cartas indígenas ao presidente jair Bolsonaro. *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO eBooks*, 89–108. https://doi.org/10.2307/j.ctv2v88c2n.8

Recebido: 27 de setembro de 2026 | **Aceito:** 7 de outubro de 2026 | **Publicado:** 9 de novembro de 2026

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.